

O acordo sai, garante Bresser

"É lógico que não haverá acordo amanhã (hoje). Os banqueiros vão rejeitar nossa proposta, porque querem emprestar menos de US\$ 10 bilhões e não querem spread zero. Depois, vão discutir longamente sobre o assunto, vamos negociar, as partes vão ceder e no final haverá acordo", afirmou ontem o ministro da Fazenda, Luiz Carlos Bresser Pereira. Cordial e muito bem humorado, o ministro reuniu a imprensa pela manhã no seu gabinete em São Paulo, logo após ter chegado dos Estados Unidos.

Bresser garantiu que a moratória será mantida até que haja um acordo e que não haverá pagamento simbólico de juros até o dia 26 (data em que os bancos norte-americanos fecham seus balanços). E não está preocupado, porque "até lá eu vou negociar. Havendo negociação em boa fé, e eles (os banqueiros) sabem que é assim, não há necessidade de desclassificar o Brasil".

Os contatos com os banqueiros privados foram iniciados na semana passada pelo próprio ministro Bresser, pelo seu assessor especial para a dívida externa, Fernão Bracher, e pelo presidente do Banco Central, Fernando Milliet (ambos permaneceram em Nova York para a reunião de hoje com os banqueiros). Nesses encontros, os representantes brasileiros ouviram repetidamente que novos desembolsos dependerão de um acordo entre o Brasil e o Fundo Monetário Internacional, "mas eu não faço esse acordo", disse Bresser. "Os

recursos do Fundo devem servir para a formação de reservas e não para pagamento de juros, está nos estatutos".

Quanto aos outros problemas que têm sido citados como empecilhos à assinatura de um acordo (como a não conclusão da Assembleia Nacional Constituinte), Bresser Pereira disse que "se trata apenas de uma estratégia prorrogatória dos banqueiros. Eles estão muito confusos: uns são favoráveis à nossa tese, outros totalmente contrários, outros estão furiosos com a moratória". Mas o ministro garantiu que deixou bem clara, aos banqueiros, sua disposição de negociar, "o que não quer dizer, porém, que vamos aceitar qualquer negócio", ressaltou.

O mais importante, para o ministro Bresser, foi a mudança de clima ocorrida nas negociações. Segundo ele, a 42ª assembleia anual do FMI e do Banco Mundial "marcou uma nova etapa na história da dívida externa, na qual reconhece-se a necessidade de redução do montante da dívida e, conseqüentemente, dos juros, e da transformação dos juros fi-

xos em securitização".

Ele esteve muito satisfeito com o secretário do Tesouro dos EUA, James Baker, que defendeu, em seu discurso de quarta-feira, na assembleia do FMI, uma posição mais fle-

xível do Fundo, e aconselhou os bancos privados a não vincularem seus desembolsos aos países devedores e acordos formais com o FMI. "É a tese que tenho defendido nos últimos três meses", disse Bresser.



Bresser: "As partes vão ceder e haverá acordo"

Luiz Luppi